



Procurar

denota conteúdo de **acesso restrito**

Favorito Domingo, 14 de Junho de 2009

- » Home
- » Política
- » Economia
- » Regional
- » Desporto
- » Cultura
- » Educação
- » Gramofone

[Todas as secções »](#)

CLASSIFICADOS

Manutenção Geral
Orçamentos Grátis
Pintura e Manutenção
Geral de Edifícios

Diversos
Vende-se BARCO - 4,60
m, motor Yamaha 60 HP

Negócios
Café Pastelaria
TRESPASSA-SE "Café
Pastelaria"

[Mais classificados »](#)
[Como fazer um anúncio
classificado »](#)

BLOCO NOTAS

Olhão
Mariza canta no Jardim
do Pescador

Algarve
Agenda Cultural

Algarve
Cinemas

[Próximos eventos »](#)

Farmácias
Tabela de marés

Restaurante «A
Ribeirinha»

[Mais restaurantes »](#)

DOSSIERS

- » Eleições Europeias
- » Autárquicas 2009
- » Tecnologias
- » Portimão, Cidade do
Mundo
- » Mundo

[Todos os temas »](#)

PUBLICIDADE

Política

Jamila Madeira: «Tratado de Lisboa é um tratado de funcionamento e não mais do que isso»



hugo rodrigues

[Ver Fotos »](#)

Jamila Madeira

Jamila Madeira, eurodeputada do Partido Socialista, volta a integrar a lista para o Parlamento Europeu. Sente orgulho no trabalho desenvolvido, porque deixou, em alguns casos, um motor a trabalhar.

TEMAS: [Eleições Europeias](#)

barlavento – No Parlamento sente-se uma europeia ou uma portuguesa?

Jamila Madeira – A integração europeia é-nos particularmente positiva e a Europa não seria a mesma sem Portugal. Acho que sou uma portuguesa na Europa.

b. - O Tratado de Lisboa retira soberania aos países?

J.M. - Um país que integra uma plataforma como é a União Europeia não pensa em termos de perda ou ganho de soberania, mas de ganhos em eficácia e mais valias em termos de desenvolvimento, coesão e paz, no reforço da democracia.

O que os cidadãos mais querem de uma plataforma deste género não é só ter paz, algo crucial, que alguma geração mais nova considera como um dado adquirido, ou consolidar a democracia, embora tenhamos que ter um olhar muito atento para que não haja qualquer tipo de escorregadela.

Uma plataforma que se pretende eficaz, mas que não é capaz de responder por incapacidade do processo de decisão, porque há um bloqueio aqui, outro ali, torna-se frustrante e pode significar um desmoronar da expectativa à volta da União.

O Tratado de Lisboa é um elemento transitório, um tratado de funcionamento e não mais do que isso. O que teremos é uma agilização do processo de decisão.

b. - Há quatro ou cinco países que conseguem maioria absoluta no Parlamento e podem governar a seu belo prazer...

J.M. - Não. No Tratado, os equilíbrios têm uma lógica de Estados e de cidadãos. Em termos de Parlamento, os processos de decisão hoje são por maioria, num contexto de múltiplos equilíbrios.

Hoje são 785 deputados, no próximo serão 736 e, com o Tratado de Lisboa, serão 751. Há um travão para que os maiores países não possam ter mais do que 90 deputados. No futuro, encontraremos outras soluções.

É um compromisso e não haverá supremacia de ninguém sobre ninguém. Esse foi o ponto de equilíbrio que se encontrou para esta solução a 27.

b. - Portugal deve avançar para a regionalização, numa filosofia da Europa das regiões?

J.M. - Já devia ter avançado. A Europa das regiões é um projecto muito

REGISTO

E-mail

Senha

[Recuperar senha](#)
[Ainda não se registou?](#)

PUBLICIDADE



NEWSLETTER

Subscriba a nossa newsletter e receba as notícias na sua caixa de correio.

[Ainda não subscreveu?](#)

EDIÇÃO IMPRESSA

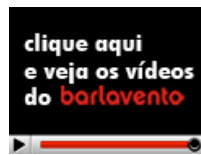


Edição nº 1659

[Todas as edições »](#)

MULTIMÉDIA

- » Festa de arromba para comemorar campeonato do Olhanense
- » Festival encheu céus de



importante, que se tem reforçado nos diferentes Estados membros.

O desenho do próximo pacote da política de coesão baseia-se numa estrutura de base local com a identidade das regiões, onde a implementação adequada dessa política tem que ver com uma regionalização e com uma utilização de recursos eficaz.

O que vai acontecer em termos de grandes desafios na política de coesão no pós 2013 obriga-nos a pensar na regionalização tão depressa quanto possível.

b. - A Europa está a enfrentar a crise?

J.M. - Combater uma crise deste género é sempre difícil e podemos dizer que a União Europeia agilizou um conjunto de elementos, que já tinha disponíveis, permitindo que a partir de Junho haja pagamentos por conta no âmbito de alguns fundos estruturais.

Foi aberta a porta a um conjunto de matérias em termos de regulação e supervisão e a possibilidade de terminar com um conjunto de mecanismo não controláveis pelo Estado em termos financeiros, como os paraísos fiscais.

Infelizmente não conseguimos a consolidação daquilo a que chamamos euro-obrigações. Neste contexto, esta peça que os socialistas apresentaram em termos europeus, que quase conseguia passar no plenário e que o Conselho não pegou em termos de posição final da União, é uma peça chave, porque só o accionar deste instrumento permitiria um aumento brutal da disponibilidade financeira. Podemos dizer que é um deslize em termos de visão estratégica relevante.

b. – Como foi coordenar o relatório sobre o «Turismo Litoral»?

J.M. - Foi um desafio. No Parlamento Europeu, os relatórios de iniciativa são um processo similar aos projectos-lei da Assembleia da República, porque partem de uma ideia para a qual temos que convencer todos os grupos políticos.

Daí deriva um relatório, que sofre todas as etapas como se fosse um relatório legislativo, onde a base de apoio é crucial. É com muito orgulho que passei todos estes pontos, porque deixei um motor a trabalhar.

No dia da votação em plenário, a Comissão anunciou que seguiria as propostas deste relatório. O turismo não é só uma lógica de sol e praia, nem de alojamento. Tem um conjunto de actividades que precisam de ser integradas de maneira substancial e substanciada e não em conflito.

Não podemos pôr em conflito o turismo com o ambiente, com a agricultura, com as comunicações ou redes de transportes, com a harmonia da paisagem, nem com as tradições, a cultura ou a história.

Em termos regionais, integramos 50 quilómetros em linha recta desde a costa para o interior continental, o que significa, se olharmos para o Algarve, toda a região. A ligação ao interior não pode nem deve ser perdida. Isto dá sustentabilidade, ajuda a quebrar as sazonalidades, cria sinergias e, quando pensamos num projecto turístico, não o podemos desligar do resto da realidade.

Temos que o fazer interagir e ajudar a diminuir a pressão sobre o território e aumentar a sustentabilidade dos investimentos. Não é uma solução milagrosa, mas é muito interessante, pois estamos a falar da necessidade de integrar todos estes instrumentos.

b. – Qual é o balanço de Portugal na Europa?

J.M. - Portugal é um caso de sucesso. Os melhores avaliadores de nós próprios são as pessoas que estão de fora. Se olharmos para todos os novos Estados membros e muitos dos antigos, todos vêm Portugal como um exemplo.

Um exemplo de aplicação de recursos por todo o país, seja em recursos humanos ou infra-estruturas. De uma maneira global, a nossa avaliação é muito positiva. Quer numa lógica de infra-estruturas, quer de formação e qualificação, a evolução foi brutal.

b. - Há razões para as pessoas votarem nas eleições europeias?

Portimão de aviões e helicópteros

Está aí mais uma Semana Académica do Algarve

[Todas as galerias »](#)

INQUÉRITO

Não se encontra inquérito activo.

[Ver resultados »](#)

J.M. - É absolutamente crucial o voto, seja em que eleições for. Ninguém se deve demitir da responsabilidade de escolher os seus representantes.

Se tivermos em vigor o Tratado de Lisboa no dia 1 de Janeiro de 2010, o Parlamento Europeu sai reforçado nos seus poderes, ficando a decidir em igualdade de circunstâncias com o Conselho de Ministros em cerca de 95 por cento das matérias.

Isso obriga a que as decisões do Parlamento reflectam a vontade dos cidadãos como um peso real e não como um peso distorcido, porque os cidadãos se demitiram dessas escolhas.

Votar a 7 de Junho é uma responsabilidade tão grande como votar para a Assembleia da República ou escolher um governo de base municipal, sobretudo porque 80 por cento da nossa legislação deriva das escolhas e opções que se fazem em termos europeus.

Se queremos contribuir para um futuro melhor, e de acordo com as nossas opções, temos necessariamente que escolher. Naturalmente a escolha é livre, mas a escolha tem que ser feita.

25 de Maio de 2009 | 10:20

[helder nunes](#)

Notícias Relacionadas

Jamila Madeira participa nas comemorações do Dia Marítimo Europeu em Roma

19 de Maio de 2009 | 19:35

Eleições Europeias: Jamila Madeira visitou instituições em dia dedicado à Educação e Qualificação

14 de Maio de 2009 | 18:58

Eleições Europeias: Jamila Madeira faz visitas dedicadas à educação e à qualificação no Algarve

12 de Maio de 2009 | 20:54

Jamila Madeira desloca-se a Israel e à Palestina

5 de Março de 2009 | 08:52

Jamila Madeira promove almoço português, com doces e laranjas do Algarve, no Parlamento Europeu

12 de Fevereiro de 2009 | 13:02

Parlamento Europeu aprova relatório de Jamila Madeira que aposta no turismo costeiro diversificado

16 de Dezembro de 2008 | 12:09

Jamila Madeira manifesta confiança na concretização de uma política marítima europeia integrada

21 de Maio de 2008 | 12:02

assine o barlavento

Para quem gosta de saber tudo.

Com 30 anos de vida, o barlavento é hoje uma referência no Algarve. Sempre no caminho da verdade. Sempre directo ao que interessa. Conta tim-tim por tim-tim o que precisa de saber sobre política, desporto, economia, cultura, ambiente, educação e muito mais. Agora, com uma edição online, inteiramente grátis para os assinantes da edição impressa. 30 anos de Algarve num só jornal.

Assine o barlavento
por apenas **30 €** anuais

[Contacte o barlavento](#) | [Publicidade](#) | [Nós](#) | [Ficha Técnica](#) | [Assine o barlavento](#) | [Newsletter](#) | [Política de Privacidade](#)

© Mediregião - Edição e Distribuição de Publicações, Lda
website [e-solutions](#)